Florestas tropicais: como utilizar sem destruir



MARGARETE MARIN LORDELO VOLPATO

No passado, existia o conceito de que as florestas naturais poderiam ser indefinidamente exploradas, razão pela qual não havia preocupação com a sua renovabilidade. Na última década, surgiu um crescente interesse de profissionais, instituições governamentais e privadas, bem como do público em geral, por esse recurso natural. Já não era sem tempo. O Brasil possui a maior diversidade de espécies do mundo, mas a falta de direcionamento técnico e de conscientização ecológica na exploração desses ambientes tem acarretado prejuízos irreparáveis.

Entretanto, não devemos ser extremistas como alguns preservacionistas, a ponto de advogar a intocabilidade de todas as florestas nativas, nem tampouco agir como outros progressistas, que vêem nelas um obstáculo ao desenvolvimento. Quer do ponto de vista ecológico, quer do ponto de vista econômico, a presença física da floresta é muito importante. Impõe-se encontrar meios de harmonizar os objetivos econômicos com os aspectos ecológicos, visando resguardar os recursos da floresta, não para deixá-la intocada, improdutiva, mas encontrando formas de utilização que permitam ao homem o usufruto de seus inestimáveis recursos, sem causar sua destruição.

As florestas tropicais nativas podem ser manejadas para a produção de madeira para uso industrial e energético, a geração de serviços e benefícios diretos e indiretos e a produção de outras matérias-primas não madeireiras. Entretanto, as várias formas de manejo das florestas tropicais que objetivam a exploração econômica sem alteração do equilíbrio ecológico ainda exigem muito conhecimento básico sobre a dinâmica da regeneração natural da floresta nativa e seu potencial qualitativo e quantitativo, para que possam ser aplicadas com sucesso, sem comprometer a estabilidade, a renovabilidade e a sustentabilidade desse recurso natural.

O ponto de partida para o desenvolvimento de técnicas de manejo sustentado baseia-se no levantamento das espécies presentes na vegetação, distribuição das espécies na área, número de espécies por área, número de indivíduos da mesma espécie nas diversas classes de altura de plantas, associação entre espécies vegetais e animais, relação entre o ambiente e as espécies em suas distintas fases de desenvolvimento, forma de reprodução e dispersão de novos indivíduos. Em seguida devem ser testadas algumas técnicas silviculturais e de exploração de florestas nativas, perturbadas ou não pelo homem, para finalmente ser aplicado o manejo florestal.

Esses estudos começam a ser mais freqüentes e mais detalhados, nas florestas tropicais brasileiras, por regiões e nível de perturbação. A falta de profissionais qualificados e de recursos financeiros, entretanto, impossibilita o conhecimento e, conseqüentemente, a utilização nacional desse recurso natural.

Como exemplo da nova abordagem, em minha tese de mestrado defendida na Universidade Federal de Viçosa foi desenvolvida uma nova metodologia para avaliar o índice de importância das espécies na fase de regeneração natural, em substituição ao índice proposto por V. Finol em 1971, permitindo a avaliação de importância ecológica da espécie por estrato, denominado índice de regeneração natural por classe de tamanho de plantas (RNC). Por meio da soma dos índices de cada classe de tamanho de planta obtém-se um índice único por espécie denominado índice de regeneração natural total (RNT). Essa nova metodologia abrange as espécies que ocorrem em todas as classes de tamanho da planta, ou seja, aquelas que possivelmente conseguirão estabelecer-se na floresta.

O manejo de florestas tropicais não se deve restringir apenas a encontrar métodos econômicos para a exploração de madeiras destinadas à indústria e à comercialização. É preciso que tenha uma finalidade mais abrangente, que é a regeneração das matas, para que se possa manter constante o equilíbrio ecológico das florestas tropicais.

Margarete Marin Lordelo Volpato é professora visitante da Universidade Federal de Lavras (UFLA) e vencedora do prêmio Moinho Santista Juventude 1994.